

# ‘Bom professor não precisa de licenciatura’

ÉLIDA VAZ

Um bom professor não precisa, necessariamente, passar por um curso de licenciatura. A opinião é da Secretária estadual de Educação, Maria Yeda Linhares, que acredita ser muito mais importante ao docente ter um bom conhecimento do conteúdo da matéria que pretende ensinar do que das técnicas de como ensinar. Para a secretária, o esvaziamento dos cursos de licenciatura das universidades se deve não só à desvalorização da carreira, em função da mudança de papel do professor dentro da sociedade, mas também ao descompasso

que existe entre as licenciaturas e a realidade da escola.

Para a secretária, as faculdades de educação não têm ajudado muito na formação de bons professores, pois se perderam numa pedagogia estéril, abstrata, distanciada do conteúdo. Na opinião da secretária, para ser um bom professor é preciso conhecer a matéria e estar em sala de aula. Ela lembra que só na antiga Faculdade Nacional de Filosofia, onde estudou, tirou zero em praticamente todas as matérias que se referiam à didática e só conseguiu concluir o curso, com média cinco, por tirar dez no conteúdo.



**“As faculdades de educação se perderam numa pedagogia estéril”**

**O GLOBO — Quais as consequências do esvaziamento das licenciaturas?**

**MARIA YEDA** — Antes de ver as consequências é preciso ver o que isto representa. Vejo esse fenômeno como uma marca do mundo atual e que nos dá a oportunidade de discutir a velha questão: o que são as universidades, para que servem e ao que elas devem servir. Será que temos hoje a universidade ou a escola de que realmente precisamos para preparar o outro milênio? Será que a universidade de hoje não está ainda muito apegada a um saber ultrapassado?

**O GLOBO — No caso específico das licenciaturas, o que aconteceu?**

**MARIA YEDA** — A crise das licenciaturas se deve a esse descompasso, a esse desencontro entre a universidade e a sua época, entre a licenciatura e a realidade da escola, da sociedade. É claro que à terrível desvalorização do salário. Na sociedade passada, em que poucos eram os letrados, o ser professor era uma glória, uma honra, uma dignidade. De repente, outras coisas entraram em movimento e o ser professor deixou de ser aquela honraria. O professor deixou de fazer parte de uma classe social para ser uma profissão, uma categoria, o que é pior. Em vez de estar fazendo greve, o professor precisa parar para pensar em melhorar o ensino. Imaginar que se terá hoje, numa sociedade inflacionária como a nossa, 200 mil professores maravilhosamente bem pagos num estado como o Rio é uma quimera.

**O GLOBO — As licenciatura são necessárias?**

**MARIA YEDA** — As faculdades de educação não ajudaram na formação do professor e nem estão ajudando. Elas se perderam numa pedagogia extremamente estéril, abstrata, distanciada da realidade, da prática e do conteúdo. Ficou sendo uma pedagogia pela pedagogia, um discurso pedagógico apenas, sem que ela tenha tido oportunidade realmente de dominar o conteúdo das matérias que pretende transmitir na formação do professor. O professor aprende na teoria, numa abstração muito grande, como ensinar, como usar o quadro negro, como organizar uma aula. Na organização de uma aula tudo é levado em consideração, menos o conteúdo. Para ser um bom professor é preciso conhecer a matéria e estar em sala de aula. Não adianta ficar um ano numa faculdade de educação

para ter um registro, para ter uma habilitação de professor.

**O GLOBO — A senhora acha que as pessoas que concluem o bacharelado têm condições de dar aulas?**

**MARIA YEDA** — Acho que sim. Por que um bom médico não pode ser um bom professor de biologia? O corporativismo e a regulamentação das habilitações para o exercício do magistério atrapalharam muito. Por que eu não posso entrar numa escola primária e dar aulas? Porque não sou formada em escola normal. Sou professora emérita da UFRJ, fui professora na França durante cinco anos, professora nos Estados Unidos, tenho uma formação feita nos Estados Unidos e aqui no Brasil, livre docência, doutora, todos os títulos, livros publicados mas não posso dar aula na escola primária.

**O GLOBO — Mas há quem diga que a formação tem de ser diferenciada para o professor de ensino superior, médio ou primário...**

**MARIA YEDA** — Fiz o meu curso de didática na antiga Faculdade Nacional de Filosofia e tirei zero em todas as matérias de didática. Nas aulas que dava tinha dez no conteúdo e zero na utilização do quadro negro, zero no manejo de não sei do que mais, na maneira de segurar o giz. Passei com cinco por causa do conteúdo. Professor é bossa. Para ser um bom ele tem primeiro que gostar. Há uma velha expressão inglesa que diz que para ser bom professor é preciso ter o coração do lado certo. Gostar de dar aula, de transmitir conhecimento, trocar as coisas em miúdos. É muito importante que você saiba, entenda e não repita feito papagaio as coisas. Para ensinar bem uma matéria só existe uma condição: saber bem como se construiu o conhecimento naquela matéria. Se não se entende bem isso, claro que vai sair bobagem.

**O GLOBO — O esvaziamento também não é consequência da desvalorização do magistério?**

**MARIA YEDA** — A pouca atração que exerce a profissão de professor é universal, é mundial. E as faculdades não se adaptaram às mudanças. É preciso mudar o ensino médio, a seriação, o número de anos, a metodologia do ensino, a concepção de primeiro grau, de segundo graus. Precisamos de cursos mais compactos, mais objetivos.